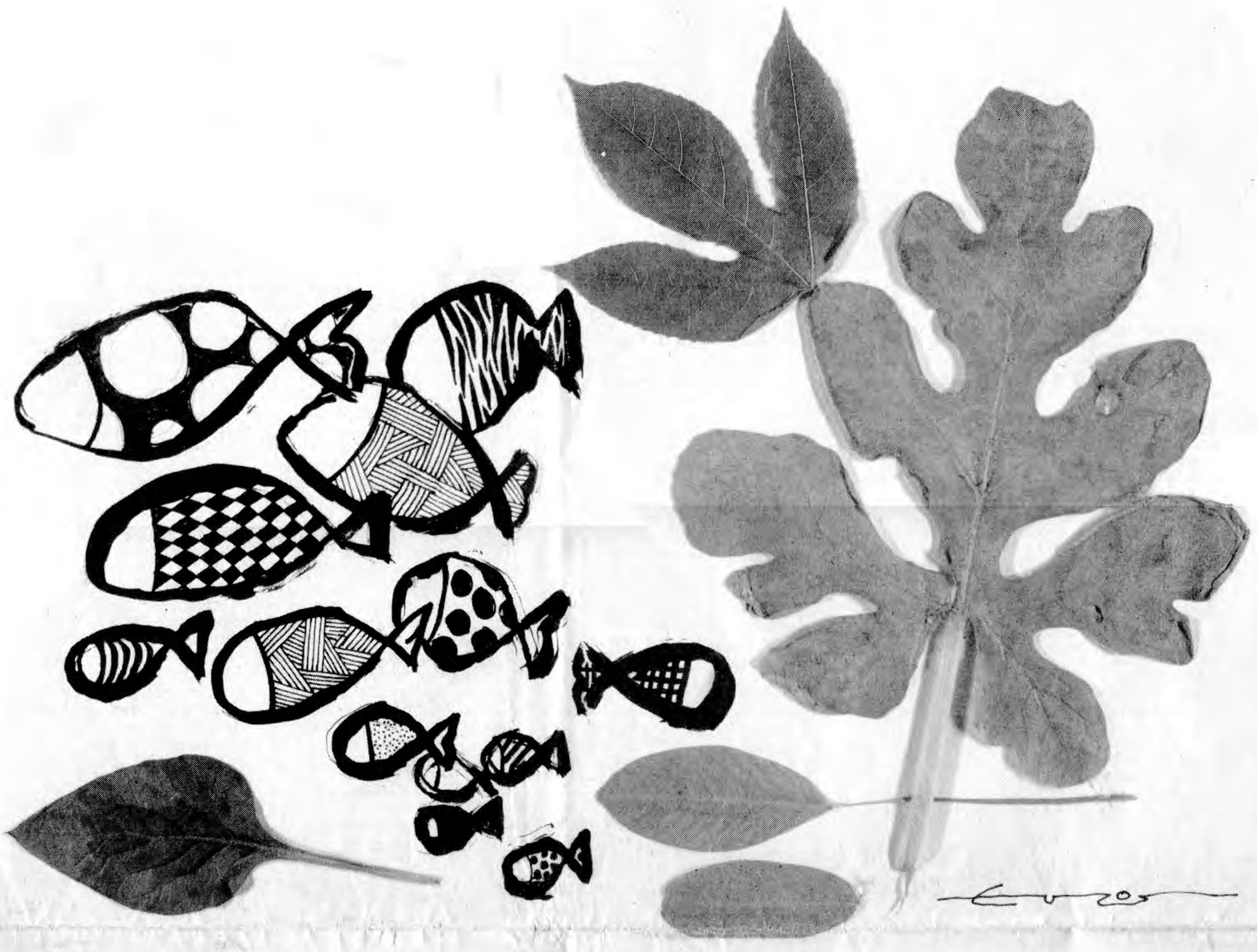
Arte Final

Manaus, quarta-feira, 27 de abril de 1994 - Amazonas em Tempo

3º CADERNO



Revisitando Balbina

A espera de uma morte anunciada

Sérgio Figueiredo

A comunidade científica amazonense (1) e, em particular, alguns cientistas do INPA - dentre eles o grupo denominado **"arautos do apocalípse"** (2) - e Pesquisadores da Universidade do Amazonas, devem ter assistido ao documentário exibido dia 15 de abril (sexta-feira passada) pela TV Cultura canal 2 de Manaus, produzido pela Fundação Padre Anchieta (3). Se não viram, aconselho que vejam. Se viram, é bom que comecem a explicar os desatinos cometidos por suas "previsões científicas" que povoaram a imprensa local, nacional e internacional a partir do funcionamento da usina em janeiro de 1989 (4). O documentário apresenta **fatos** muito interessantes, todos eles **contrários** às previsões catastróficas alardeadas pelos aráutos e seus seguidores. Vale dizer, a morte anunciada da região de influência de Balbina ainda não aconteceu. Pelo contrário, ali o ecossistema está mais vivo do que nunca. E a primeira pergunta se que faz é a seguinte: Por que os fatos danosos ao meio ambiente, previstos pelos cientistas, não aconteceram? A resposta mais imediata que nos vem à mente, é a seguinte - que tem por base a sabedoria dos antigos: É que até hoje não se conhece o funcionamento ecológico da nossa região e, com base nesse desconhecimento, muitos espertos se arvoram em anunciar teorias e hipóteses estapafúridas que, na sua maioria, encantam os gigolôs da ecologia e premiam seus autores com troféus, placas e muitos dólares.

Para efeito de refrescar a memória de alguns (5) e provocar a santa ira de outros, relembro algumas declarações, de alguns cientistas, ocorridas, particularmente, nos anos de 1987 e 1989, quando a moda da ecológica inconsequente imperava :

A catástrofe anunciada

1. No dia 1° de outubro de 1987, no exercício do cargo de presidente do Centro de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia do Amazonas - CODEAMA, após analisar a documentação existente sobre Balbina (6), assinei a Licença de Operação nº 023/87, autorizando o fechamento das duas últimas adufas para enchimento do lago da hidrelétrica (7).

2. O mais feroz e mais nervoso crítico de Balbina, sr. Philip Fearnside, responsável à época pelo Departamento de Ecologia do INPA, chegou a anunciar, dentre outras previsões nostradâmicas, as seguintes:
- que cada gota de água do lago de Balbina, levaria em média 421 dias dentro do lago, pelo fato do rio Uatumã ser pequeno demais para o porte da hidrelétrica;
- as turbinas da usina serão danificadas, em virtude irreversível poluição do lago;
- a hidrelétrica não deveria ser construida, jamais.
- Balbina funcionará por apenas 7 anos. Nessas condições, cada família de Manaus estará pagando do seu bolso o equivalente a 4 mil dólares para não usufruir da energia elétrica que deveria ser produzida pela hidrelétrica (8).

3. Herbert Schubart, que em março de 89 exercia o cargo de Diretor do INPA, juntou-se ao côro dos arautos e vaticinou que *"O rio Uatumã está morto e a poluição desse rio vai perdurar por, no mínimo, 6 anos"*. E, em vista disso, algumas das consequências seriam as seguintes:
- o péssimo odor provocado pela poluição do lago iria atingir a cidade de Manaus e tornaria o ar irrespirável (9);
- Balbina violou as leis da natureza e essas não podem ser revogadas por decretos. (10)

4. Philip Feranside volta à cena e resolve fazer uma declaração a respeito do destino cruel e incerto que estava reservado aos ribeirinhos do rio Uatumã e aos índios Walmiri-Atroari:
- serão os mais atingidos porque serão obrigados a abandonarem suas terras e, quanto aos índios, a desagregação que ocorrerá nas aldéias, provocará o extermínio desse povo.

5. José Goldemberg, com base nessas e outras informações do INPA e do alto da sua intolerância e sapiência, amplificada nacionalmente em 1991 quando exercia o cargo de Ministro da Ciência e Tecnologia, do Governo Collor, propôs, em maio de 1990 a **secagem** imediata do lago de e a consequente desativação de Balbina.

6. Recebi, em março de 1990 uma carta de um grupo demominado "Comitê de Luta Contra Balbina", que é um primor da literatura neonazista (11)

Abril de 1994: a espera de uma morte anunciada

Após cinco anos de funcionamento de Balbina, as informações que se tem sobre o atual estágio do ecossistema daquela região, são as seguinte (12):

1. O lago da hidrelétrica, desde meados do ano de 1990, vem abastecendo a população de Manaus e adjacências, com toneladas diárias de tucunaré, sendo que o excedente é exportado para diversos países, dentre os quais a Espanha e EEUU (13). Pelo que eu saiba, Manaus jamais exportou peixe *nem mesmo para o km-15 da Manaus-Itacoatiara.*
Pergunta-se: Por que esse fato não foi previsto pelos arautos. Pelo contrário, divulgaram que o lago e o rio Uatumã estariam mortos.

2. Milhares de tartarugas, dezenas de colônias de ariranhas, botos e peixes-boi, dentre outros tipos de animais, fazem parte hoje do ecossistema de Balbina e estão totalmente integrados, apesar do INPA ter abandonado alguns desses projetos em 1990.

3. Das populações ribeirinhas que habitam as margens do rio Uatumã, sabem quantas pessoas querem sair de lá?. Nenhuma.

4. Quanto aos índios Walmiri-Atroari, sabem o que tem acontecido com a taxa demográfica daquela população? Tem aumentado nos últimos cinco anos, após um período de quase extinção ocorrido antes do funcionamento de Balbina e graças ao Programa Waimiri-Atroari, este sim, digno de um senhor prêmio, do nível do Nobel, sem exagero (14).

5. Finalmente, quantos aos aspectos liminológicos das águas da região, particularmente os do rio Uatumã, os níveis de oxigenação, estão hoje com os mesmos índices que existiam antes da construção da usina. Pelo visto, este rio não morreu, contrariando de morte, isto sim, as previsões do INPA.

Outras perguntas

1. Qual o crime e qual a pena que deve ser aplicada para indivíduos que divulgam "informações científicas" falsas a respeito de assuntos ligados ao meio ambiente?

2. Prêmios científicos, obtidos a partir de premissas e projeções falsas, devem ser considerados legítimos? (15)

3. Por que, afinal, as previsões dos "arautos do apocalípse"não se confirmaram até aqui no ecossistema de Balbina?

Respostas para a redação deste jornal, endereçadas ao autor deste artigo.

Finalmente, deixo aqui registrada a síntese das premissas que nortearam a assinatura da Licença de Operação de Balbina, que se resumem em dois pontos básico:

1. A usina, projetada na década de 70 - quando não existia a legislação ambiental que regulamentava obras dessa natureza e dimensão - não apresentava no bojo dos seus sub-projetos, preocupações com os impactos ambientais. Nesse sentido a Licença de Operação, além de ser um documento de **caráter legal**, deveria ser - com foi - um documento de **compromisso ético**, onde a Eletronorte passou a ser obrigada a cumprir com a implantação de programas e projetos conexos aos impactos causados

2. Além disso, não autorizar o seu funcionamento, após 10 anos de investimentos e após 10 anos de espera, simplesmente para agradar e apoiar as teses inconsistentes de meia dúzia de arautos e em detrimento de toda uma sociedade, seria no mínimo um crime de lesa a pátria.

Hoje, estou propenso a reciclar o ponto 1 dessas premissas, e passar a admitir que, sem Balbina, **(a)** não se conheceria o que se conhece hoje sobre uma pequena parte dos ecossistemas amazônicos e, além disso, **(b)** está obrigando os "cientistas" apressados a analisar mais profunda e conscientemente suas teorias, teses, hipóteses e leis sôbre a nossa região, antes de divulgá-las como fatos consumados.

Agradeço a atenção pela leitura e, caso o cardápio de hoje seja calderada de tucunaré, creiam, ele foi pescado em Balbina.

---

(1) se é que ela existe.
(2) que tem como lider o sr. Philip Fesrnside.
(3) documentário demoninado **Obras Amazônicas**, no qual a Usina Hidrelétrica de Balbina é destaque principal, onde são mostrados diversos aspectos do estágio atual do ecossistema da área de influência da usina.
(4) o cronograma de funcionamento estava atrasado em 5 anos.
(5) dizem os antigos que a leseira baré sempre tem que ser refrescada, caso contrário, a amnésia atávica toma conta de todos.
(6) uma pilha de cerca de dois metros de altura da qual, quando espremida, pouca coisa interessava ao processo decisório de tomada decisão.
(7) a realidade sócio-econômica de Manaus (99% da economia do Estado,é bom lembrar), era o indicador mais contudente que se apresentava na defesa do funcionamento daquela usina realmente anacrônica, dada a imensa área do lago formado. Além disso, a minha formação humanístisca e antropocêntrica, pesou também no processo, é óbvio.
(8) os economistas estão fazendo as contas até hoje para descobrir a fórmula mágica com que esse cálculo foi feito pelo Fearnside.
(9) algumas empresas comerciais chegaram a comprar estoques consideráveis de máscaras para serem vendidas à população.
(10) constatação hermeneutica das mais brilhantes.
(11) só não me chamava de santo.
(12) o documetário **Obras Amazônicas** referido no início deste artigo, é a principal fonte de informação.
(13) não tenho informações sobre o volume econômico envolvido no processo nem o número da mão-de-obra empregada. Imagino que não deve ser baixo.
(14) e, enquanto o prêmio não vem, aproveito para mandar, meu incentivo e entusiasmo a todos os técnicos do convênio FUNAI/ ELETRONORTE responsáveis pela operacionalização desse inédito Programa. É bom que se diga que o Programa, fez aumentar um outro tipo de taxa entre aqueles indios que é a *taxa de conscientização* que, em última análise é a que mais vale.
(15) a exemplo das premissas e projeções sôbre o desmatamento na nossa região. Todas elas, absoluta e redondamente furadas.

Sérgio Figueiredo é Eng. Civil e professor da Faculdade de Engenharia da Universidade do Amazonas, lotado no Dep. de Hidráulica e Saneamento.